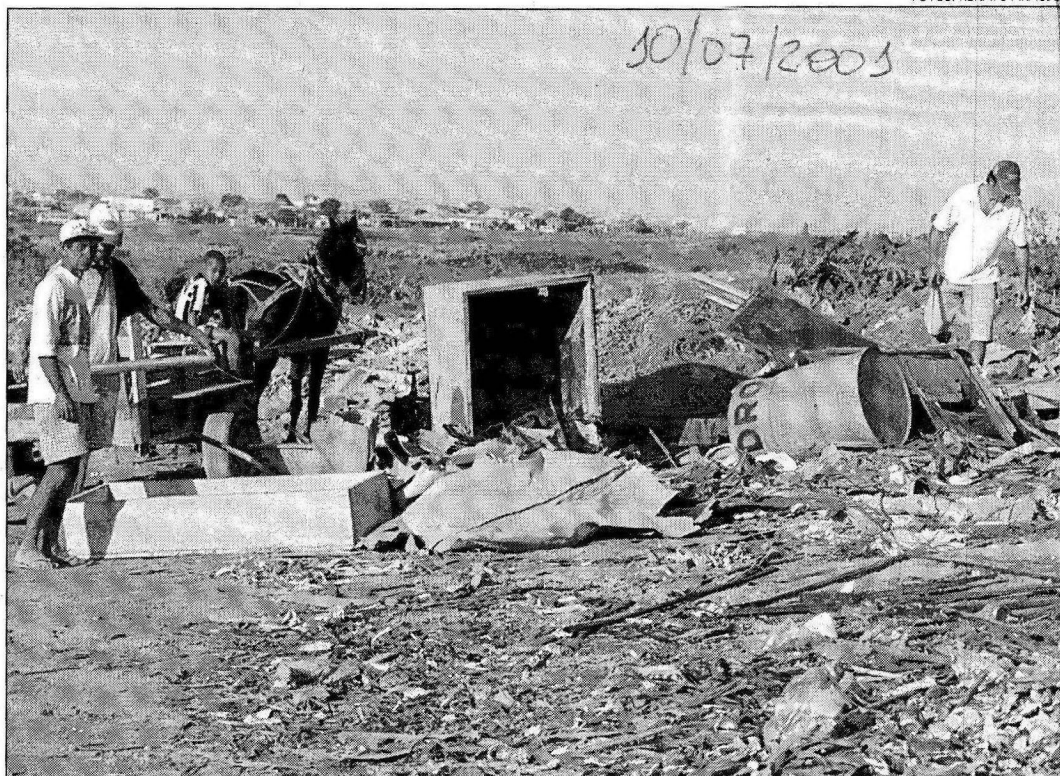


30/07/2003



O LIXÃO, foco de doenças de todos os tipos, atrapalha a vida dos chacareiros da área

Lixão em Samambaia

Elizete Cristina

Na Expansão de Samambaia, na Quadra 631, a 200 metros do posto de saúde, há um lixão, ocupando uma área de mais de 300 metros quadrados. É entulho que não acaba mais. Como se não bastasse, substâncias não identificadas estão sendo jogadas nas tubulações que desembocam no Córrego Gatumé.

"Quem joga o lixo diz que tem autorização da Administração de Samambaia", conta Elson Costa, que mora numa chácara na região. "Já cansamos de pagar para limpar esta área. O que não pode é a gente também ficar entulhado no lixão", afirma.

Segundo Elson, os seus pais, Otelino Carolino da Costa e Isabel José Costa, perderam oitenta filhotes de galinha d'angola, devorados por ratazanas que se escondem no lixão. Mas não há só ratos. São jogados no local, também, animais mortos, o que provoca um mau cheiro terrível, e pneus velhos, que ficam cheios d'água no período de chuvas e viram foco de dengue.

Por causa do lixo, o chacareiro Antônio Bezerra está tendo prejuízo. Ele mantinha uma plantação de hortaliça para a venda, num terreno arrendado ao lado da chácara de Otelino, mas teve que abandonar o negócio. "Os meus fregueses tinham medo de atravessar o lixão para chegar à chácara", conta. Um deles, segundo Antônio, foi

até assaltado, ao quebrar o carro no lixão.

A Administração da Samambaia e o Salub (Serviço de Limpeza Urbana) dizem que não deram qualquer autorização para a colocação de lixo no local. O assistente administrativo da Administração, Wellyngton Valente Barbosa, acredita que as pessoas que depositam lixo no local usam nome da Administração para justificar a ilegalidade. "Vamos fazer a limpeza completa no local em um mês e providenciar um fiscal para identificar os infratores e notificá-los", prometeu.

Segundo a Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Semarh), as quadras 627/631 em Samambaia, onde fica o depósito de lixo, estão numa Área de Relevante Interesse Ecológico (Arie), integrante do Parque Juscelino Kubitschek. Isso significa que o terreno deve ser preservado, pois possui nascentes e elementos da flora característicos do cerrado.

A Semarh tem conhecimento da poluição do Córrego Gatumé. Além das substâncias não identificadas, o córrego ainda recebe a água contaminada por esgoto, que acabam indo para os córregos Alagados e Belchior, em Taguatinga Sul (Boca da Mata), afluentes do Rio Corumbá. A Semarh garante que será feita uma vistoria no local. Diz também que o GDF vai investir US \$ 320 milhões, a metade bancada pelo BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), para reverter a situação.